

HISTÓRIAS LGBTQIA+

**textos da exposição
em fonte ampliada
PORTUGUÊS**

Realização



**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MASP

MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

HISTÓRIAS LGBTQIA+

O atual cenário global para pessoas queer* e trans é desigual: a aceitação, a solidariedade e a visibilidade existem lado a lado com o ódio, a censura e a total proibição legal em diferentes partes do mundo. Assim, por um lado, uma atenção maior voltada a questões Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais e de outras minorias (LGBTQIA+) vem criando mais oportunidades para artistas e pensadores queer e trans. Todavia, por outro lado, pessoas LGBTQIA+ em todo o mundo – impactadas diferentemente por sua raça, classe, gênero, idade, nacionalidade – continuam enfrentando repressão. Nesse contexto, *Histórias LGBTQIA+* reúne trabalhos que tematizam tópicos queer ou que sejam feitos por artistas, ativistas e pesquisadores LGBTQIA+.

A mostra celebra a riqueza e a multiplicidade da criatividade queer nas artes visuais, alinhada com a missão do MASP, que define o museu como “diverso, inclusivo e plural”.

A exposição é organizada em oito núcleos.

Na galeria do primeiro andar estão “Biblioteca Cuir”, “Ícones e musas”, “Espaços e territórios” e “Amor e desejo”. Na galeria do segundo subsolo, “Sagrado e profano”, “Abstrações” e “Ecossexualidades e fantasias transcendentais”.

No mezanino se encontram os “Arquivos”. A maioria dos artistas de *Histórias LGBTQIA+* trabalha no rastro da pandemia de HIV-aids, que teve início em 1980 e segue vigente, uma crise que redefiniu de maneira potente o que está em jogo no fazer artístico nas perspectivas queer e trans. Nem todos artistas na exposição se identificam como LGBTQIA+, e a mostra trata

o queer de maneira ampla, como uma lente que nos deixa enxergar o mundo de um jeito diferente. Embora alguns artistas da exposição tenham morrido de complicações ligadas à aids (incluindo David Wojnarowicz, Felix Gonzalez-Torres, Leonilson, Martin Wong, Nicolas Moufarrege, Peter Hujar, Rotimi Fani-Kayode e Tseng Kwong Chi), há também outros artistas contemporâneos que seguem vivendo com HIV e florescendo (como D'Angelo Lovell Williams, Kia LaBeija e Sunil Gupta).

A exposição tem um especial interesse em tornar a história de algum modo queer – seja valendo-se da ficção e da narração para inventar histórias que foram apagadas, seja voltando-se ao passado para vislumbrar novos futuros. Dessa forma, são apresentadas obras que se engajam de maneira especulativa com arquivos (como no trabalho de

Mayara Ferrão, que utiliza inteligência artificial para inventar histórias lésbicas negras) e atualizam obras de arte canônicas para invocar uma presença queer ou trans (como no extravagante *Abaporu* de Tarsila do Amaral vestido de couro na releitura de Rodolpho Parigi, no autorretrato de Yasumasa Morimura em uma versão drag de Frida Kahlo, e na subversão que Lyz Parayzo faz da icônica escultura *Bicho* de Lygia Clark). A justaposição de materiais de um passado profundo e do momento contemporâneo realçam como as histórias – inclusive a história da arte – operam como recursos críticos para vidas LGBTQIA+.

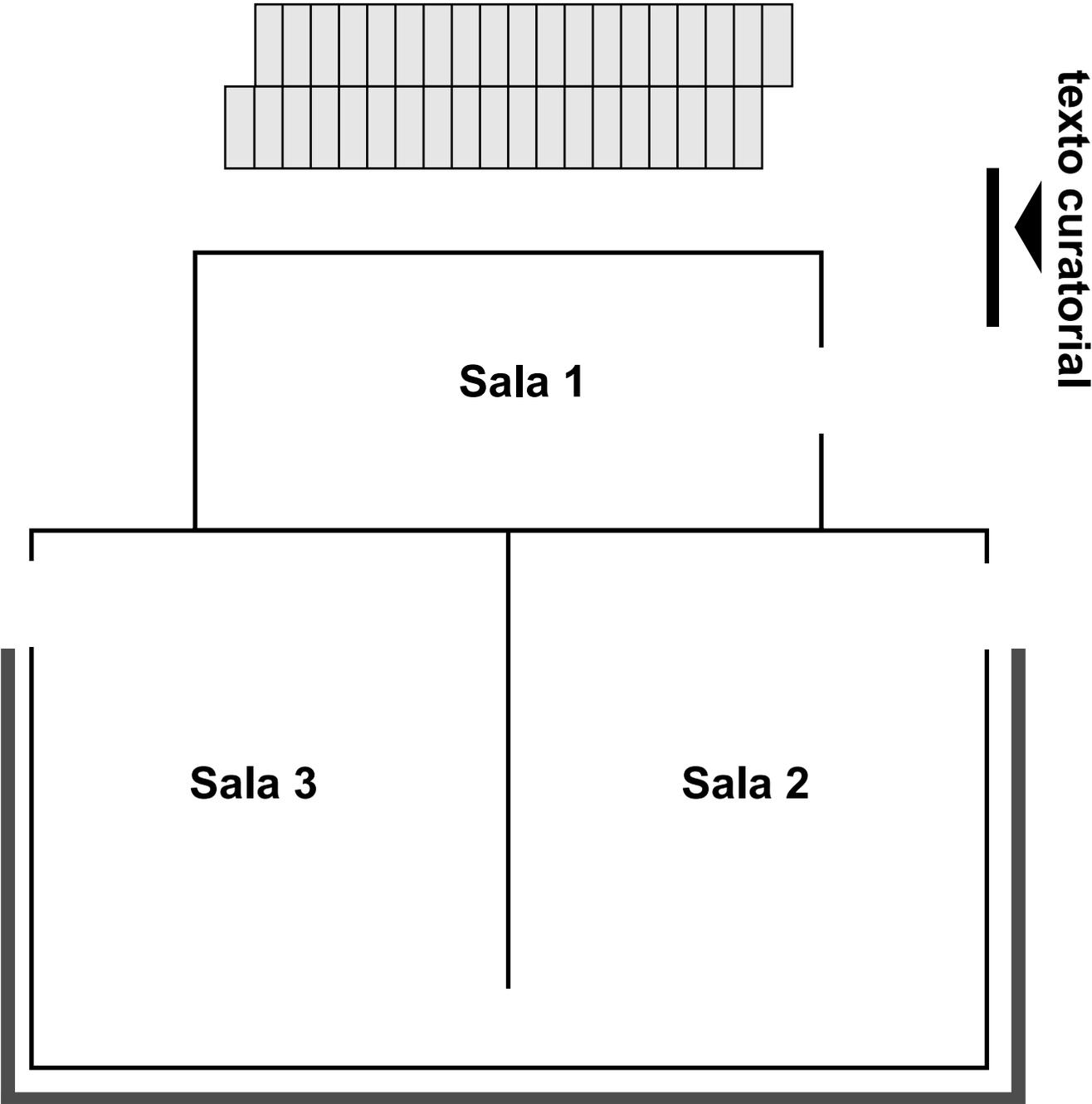
**Queer* na língua inglesa originalmente significa estranho, mas também em algum momento “sexualmente desviante”, porém desde o final do século 20 tem sido reivindicado por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros como um termo amplo para identificá-los.

Histórias LGBTQIA+ é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, e Julia Bryan Wilson, curadora-adjunta de arte moderna e contemporânea, com colaboração de André Mesquita, curador, e assistência de Leandro Muniz, curador assistente, e Teo Teotonio, assistente de curadoria, todos da equipe do MASP.

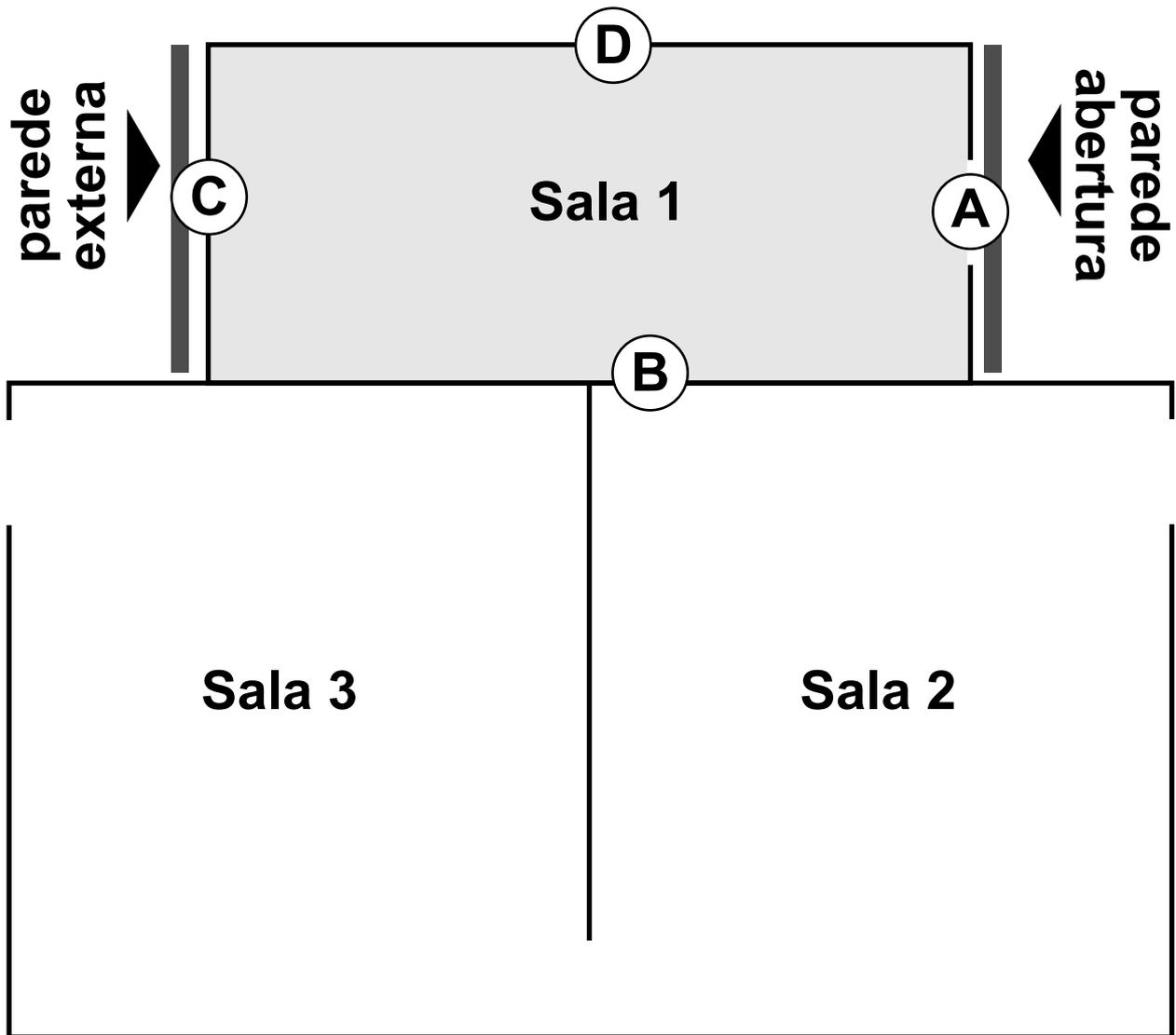
A exposição faz parte do programa anual do MASP dedicado às *Histórias LGBTQIA+* em 2024, que incluiu mostras dedicadas a Francis Bacon (1909-1992), Mário de Andrade (1893-1945), Catherine Opie, Lia D Castro, Leonilson (1957-1993), aos coletivos Gran Fury e Serigrafistas Queer, à Coleção MASP Renner, além de projetos na Sala de Vídeo por Masi Mamani/Bartolina Xixa, Tourmaline, Ventura Profana, Kang Seung Lee e Manauara Clandestina.

Um número importante de empréstimos de obras para *Histórias LGBTQIA+* é oriundo de uma parceria especial com o Leslie Lohman Museum na cidade de Nova York, uma das poucas instituições dedicadas à arte LGBTQIA+ no mundo.

Mapa do espaço expositivo



Sala 1



SAGRADO E PROFANO

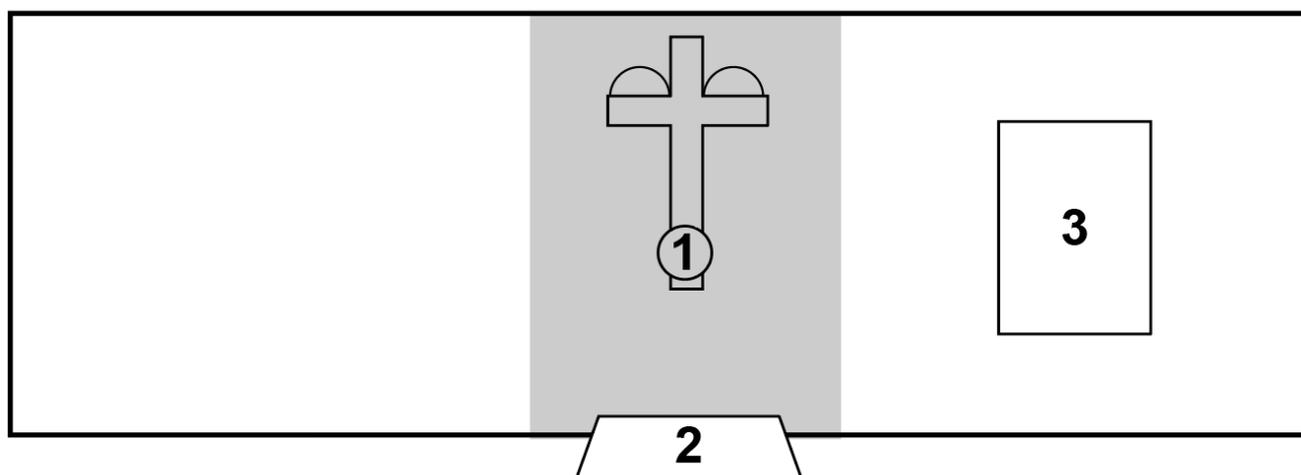
Pessoas de sexualidades e gêneros não normativos foram e são sujeitas a regras punitivas que criminalizam nossos comportamentos. Figuras LGBTQIA+ já foram chamadas de hereges, pervertidas e criminosas contra Deus.

No entanto, algumas também foram reverenciadas como símbolos de transformação criativa e sabedoria. Outras ainda, como Andy Warhol, um católico devoto também apresentado aqui, viviam com a contradição persistente entre sua fé e seu desejo queer. Este núcleo explora como a diversidade se cruza com diversas estruturas religiosas que proíbem o amor entre pessoas do mesmo sexo ao mesmo tempo em que podem venerar pessoas queer, trans e de outros gêneros como fontes de criatividade e espiritualidade.

Obras que lidam com noções de pecado, oração e

revelação são mantidas em um espaço que evoca uma capela em construção, algo que se expressa nas paredes de tijolo aparente, concebidas pela artista, cantora e pastora Ventura Profana, que louva o poder e a salvação trans. Diversas obras se inspiram na figura católica de São Sebastião – cujo sofrimento e prazer foram apropriados pela cultura queer – incluindo uma pintura de Pietro Perugino e obras mais recentes de Catherine Opie, Leonilson e Roberto Gil de Montes. Abdias Nascimento, candomblecista e hétero, retrata Oxunmarê com representações do feminino e do masculino, mostrando como religiões abordam a variação de gênero.

Parede abertura



VENTURA PROFANA

Salvador, Brasil, 1993

Vive no Rio de Janeiro, Brasil

1. *Assim, quem edifica transcende a cruz*, 2019

Madeira e ferro

Coleção da artista, Salvador

2. *Josué 24:15 – “Nem Eu, Nem Minha Casa Servimos Ao Senhor”*, 2019

Capacho vinílico camuflado

Coleção da artista, Salvador

VENTURA PROFANA E REBECA CARAPIÁ

Salvador, Brasil, 1993 e 1988

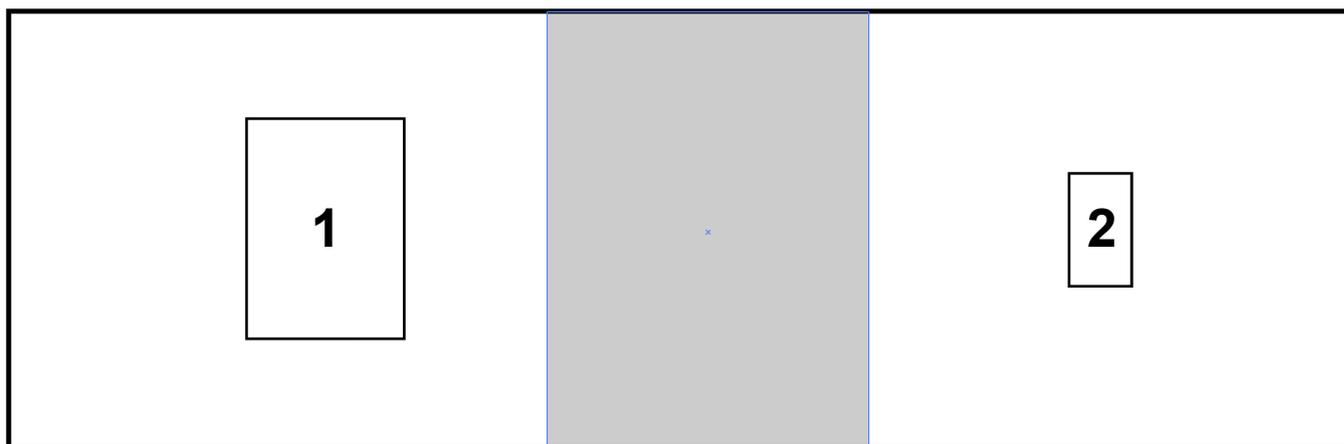
Vivem em Rio de Janeiro e Salvador

3. *Sentinela avançada, guarda imortal*, 2019

Capacho vinílico camuflado

Coleção da artista, Salvador

Parede A



VENTURA PROFANA

Salvador, Brasil, 1993

Vive no Rio de Janeiro, Brasil

1. *Bálsamo de Gileade*, da série **Sonda**, 2020

Colagem digital

Coleção da artista, Salvador

CARLOS HERRERA

Rosário, Argentina, 1976

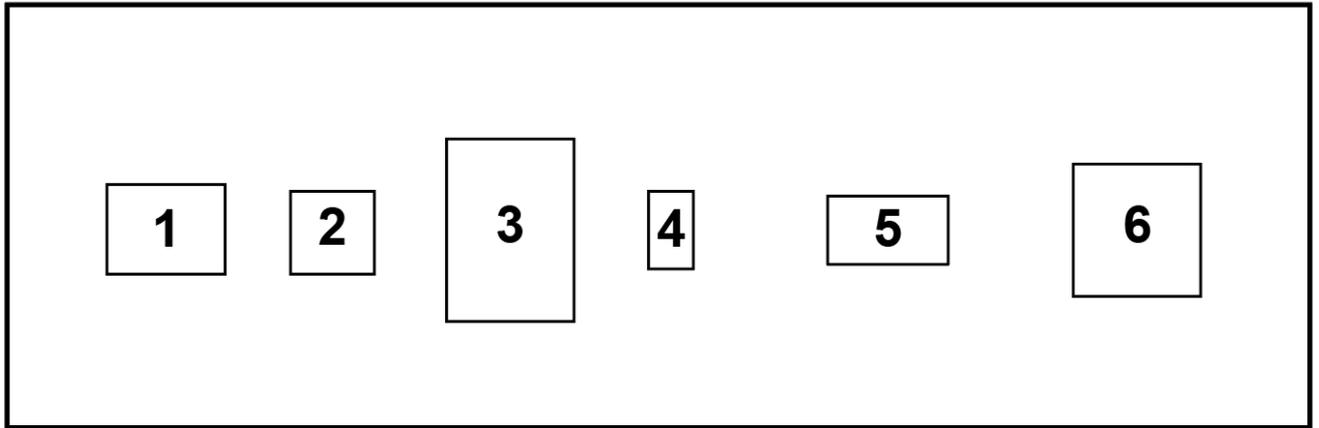
Vive em Buenos Aires, Argentina

2. *Autorretrato*, da série **OCASO, 2004**

Zíper de calça e cruz prateada

Cortesia do artista e Galeria de Arte, Buenos Aires, Argentina

Parede B



ROBERTO GIL DE MONTES

Guadalajara, México, 1950

Vive em La Peñita, Mexico

1. *José Ángel*, 2024

Óleo sobre tela

Cortesia do artista e Kurimanzutto,

Mexico City/New York

CATHERINE OPIE

Sandusky, Estados Unidos

Vive em Los Angeles, Estados Unidos

2. *Raven [Corvo]*, da série *harmony is fraught*, 1990/2024

Impressão pigmentada em papel

Cortesia da artista e Regen Projects, Los Angeles, Estados Unidos; Lehmann Maupin, Nova York, Estados Unidos, Hong Kong, Londres, Inglaterra e Seul, Coreia do Sul; Thomas Dane Gallery, Londres e Nápoles, Itália

Recém-saída da faculdade de artes, Opie realizou uma série de ensaios visuais para a revista *On Our Backs* [Nas nossas costas], o primeiro periódico estadunidense de conteúdo erótico voltado especialmente ao público lésbico.

Raven foi originalmente feita para um ensaio dessa revista. Nela, uma série de imagens narra uma fantasia sexual sadomasoquista entre a artista e Gabrielle Antolovich no morro onde se encontra o famoso letreiro de Hollywood. A imagem foi resgatada pela artista recentemente na composição da série *harmony is fraught*, que reúne registros de pessoas e espaços da cidade de Los Angeles, EUA. A verticalidade do corpo fetichista e da cerca em que está amarrado se coloca sobre a horizontalidade da paisagem urbana ao fundo, contrastando o corpo ao espaço. O corpo de Raven aparece acorrentado a um muro, remetendo simultaneamente a práticas sadomasoquistas e à iconografia tradicional cristã – como a Paixão de Cristo e a imagem de São Sebastião –, construindo assim uma imagem ambigualmente sagrada e profana.

PIETRO PERUGINO E ATELIÊ

Città della Pieve, Itália, 1446 – 1524, Perugia, Itália

3. *São Sebastião na coluna*, 1500-10

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Companhia Antártica

Paulista S.A., 1947, MASP.00013

Perugino, nascido como Pietro Vannucci, foi pintor e desenhista. Embora atualmente seja mais conhecido como o tutor de Rafael (1483-1520), Perugino deixou sua marca na história da arte italiana ao mesclar o modelo compositivo de Florença, caracterizado pela figuração bem delineada, com o estilo pictórico predominante na Úmbria, que se distinguia pela estruturação do espaço a partir da arquitetura. Tais elementos

podem ser observados em *São Sebastião na coluna*, na qual a figura humana está centralizada e a profundidade é construída a partir da sobreposição de colunas, arcos e dos padrões geométricos do piso. Segundo a tradição cristã, São Sebastião foi um oficial romano que, ao se converter ao cristianismo, foi condenado à morte por flechadas. O corpo nu, sem pelos, e o rosto pintado com traços delicados sugerem uma leitura da imagem do santo em termos homoeróticos.

LEONILSON

Fortaleza, Brasil, 1957–1993, São Paulo

4. *São Sebastião de cabeça para baixo*, 1993

Tinta acrílica sobre lona

Coleção particular, São Paulo

São Sebastião é um santo cristão que, desde o século 19, é referenciado em trabalhos de diversos artistas sob uma ótica homossexual, sendo considerado um ícone para a comunidade gay na atualidade. Tradicionalmente, ele é retratado jovem, seminudo e atravessado por flechas. Apesar das perfurações, suas expressões faciais geralmente não demonstram dor e, por vezes, se aproximam de uma ideia de prazer. Em *São Sebastião de cabeça para baixo*, Leonilson retrata o santo com os pés voltados para cima, enquanto um “rapaz pintando a ponte”, como se lê na tela, aparece na horizontal suspenso por uma forma branca de formato fálico na altura de sua genitália. A erotização de São Sebastião é o que originou a associação de sua imagem à homossexualidade, algo que o artista aborda neste e em outros trabalhos.

CARLOS MOTTA

Bogotá, Colômbia, 1978

Vive em Nova York, Estados Unidos

5. *Corpo Fechado: The Devil's Work* [O trabalho do diabo], 2018

Vídeo Full HD 16:9, cor e som, 24'33''

Coleção do artista e cortesia Galeria Vermelho,
São Paulo

Carlos Motta trabalha com múltiplas linguagens, em uma pesquisa acerca da história colonial na América Latina. Em desenhos, palestras, textos, esculturas e vídeos, o artista discute as diversas expressões homoeróticas no mundo pré-colombiano e os legados dos movimentos de liberação LGBTQIA+ em um processo de revisão histórica. No vídeo *Corpo Fechado: The Devil's Work*, Motta narra a história de um homem

escravizado, o africano José Francisco Pereira, que foi preso durante a inquisição portuguesa por sodomia e vendido para o mercado escravocrata no Brasil no século 18. No vídeo, Pereira é posto como agente de sua própria história e os motivos pelos quais sua sexualidade foi condenada são colocados como construções históricas que servem para a manutenção de poderes religiosos, institucionais e coloniais.

ROTIMI FANI-KAYODE

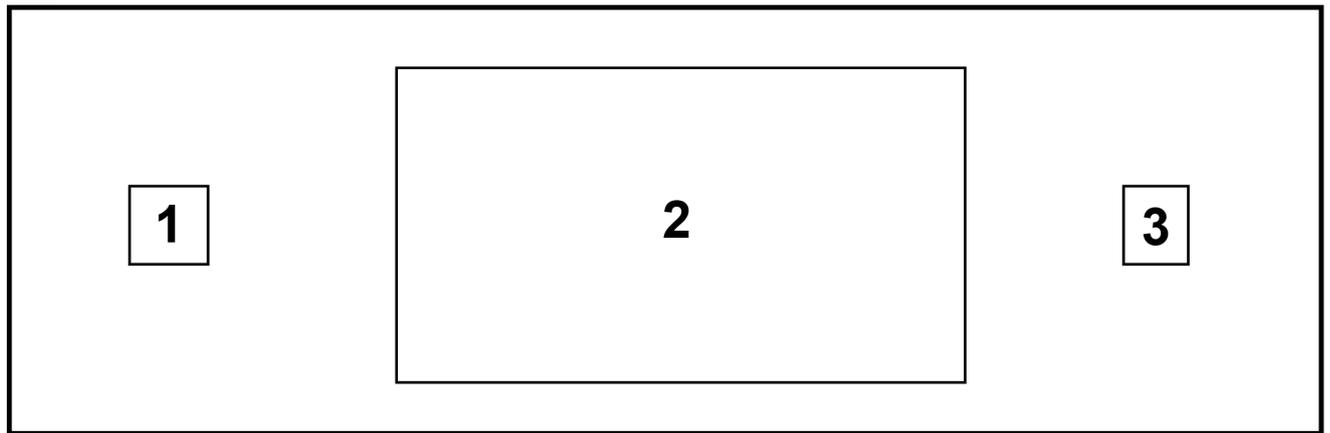
Lagos, Nigéria, 1955–1989, Londres, Inglaterra

6. *The Black Friar* [O frei negro], 1989/2021

C-print arquivística sobre papel

Cortesia Autograph, Londres, Inglaterra, e Hales Gallery, Londres, e Nova York, Estados Unidos

Parede C



ALMA LOPEZ

Los Mochis, México, 1966

Vive em Los Angeles, Estados Unidos

1. *Our Lady [Nossa Senhora]*, 1999

Impressão a jato de tinta sobre tela

Museu de Arte de São Paulo, compra no contexto da exposição *Histórias LGBTQIA+*

ANDY WARHOL

Pitsburgo, Estados Unidos, 1928–1987, Nova York, Estados Unidos

2. *Repent and Sin No More!* [Arrepende-se e não peque mais!], 1985–6

Acrílica e serigrafia sobre tela

Tate Gallery, ARTIST ROOMS Tate e National Galleries of Scotland, compra conjunta através de The d'Offay Donation com assistência do National Heritage Memorial Fund e Art Fund, 2008, Londres, Inglaterra

MARCEL PARDO ARIZA

Bogotá, Colombia, 1991

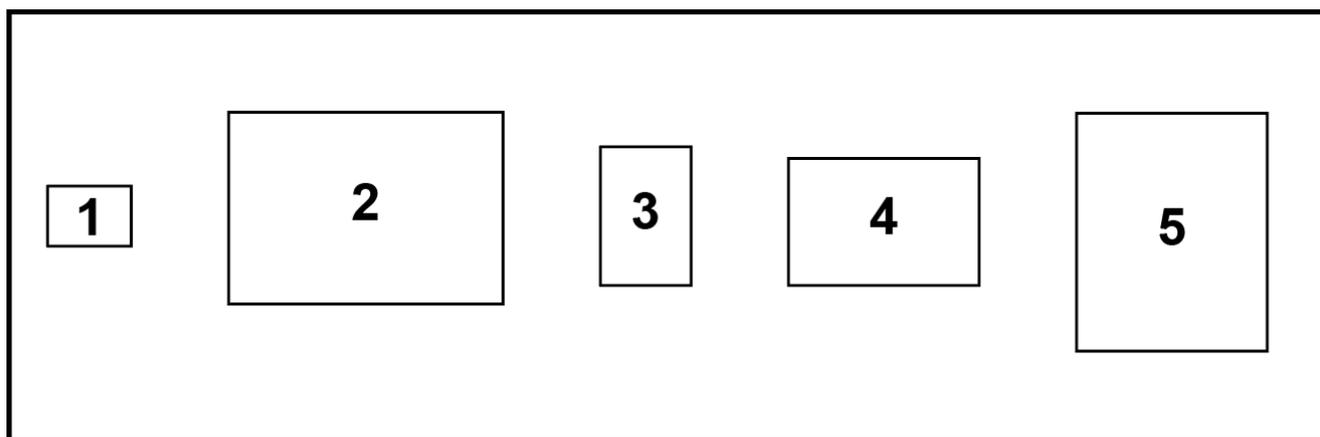
Vive em São Francisco, Estados Unidos

3. *Slow Clap* [Palma lenta], 2017

Impressão jato de tinta sobre papel montada
em sintra com envidraçamento

Cortesia de artista e Ochi Gallery, Los
Angeles, Estados Unidos

Parede D



VENTURA PROFANA

Salvador, Brasil, 1993

Vive no Rio de Janeiro, Brasil

1. *O poder da trava que ora*, 2019

Fotoperformance, impressão sobre
papel algodão

Coleção da artista, Salvador / Fotografia:
Alex Oliveira

AYRSON HERÁCLITO

Macaúbas, Bahia, Brasil, 1968.

Vive entre Cachoeira, Bahia e Salvador

***2. História do futuro – o corpo no lago –
capítulo da hidromancia, 2015***

Impressão fotográfica

Coleção Andréa e José Olympio, São Paulo

MARTINE GUTIERREZ

Berkeley, Estados Unidos, 1989

Vive em Nova York, Estados Unidos

**3. *Demons, Chin “Demon of Lust”, p93
from Indigenous Woman [Demônios, Chin
“Demônio da Luxúria”, p93 de Mulher
Indígena], 2019***

C-print sobre papel e moldura pintada à mão
Cortesia da artista e Ryan Lee Gallery, Nova
York, Estados Unidos

ABDIAS NASCIMENTO

Franca, São Paulo, Brasil 1914 – 2011, Rio de Janeiro, Brasil

4. A dupla personalidade de Oxunmarê n. 2, 1971

Acrílica sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Elisa Larkin

Nascimento | Ipeafro, 2022, MASP.11379

Figura multifacetada e fundamental da história brasileira, Abdias Nascimento marcou o século 20 em diferentes frentes de atuação: foi deputado federal e senador, dramaturgo, ator, jornalista, professor universitário e intelectual com forte presença no debate público. Em geral, seus quadros representam personagens, iconografias,

insígnias e temas ligados às religiosidades de matriz africana. Nascimento dedicou mais de uma pintura ao caráter duplo e mutável de Oxumarê, orixá que, no candomblé, é associado aos processos de renovação e aos ciclos da vida e da morte. Simétricos e compostos por blocos de cores vivas, as formas e os elementos do quadro remetem a relações de oposição e complementaridade: feminino e masculino, terra e água, flora e fauna, humanidade e natureza. Assim, o artista reforça a relação de integração do plano terreno com o espiritual, tão fundamental para as religiões africanas no Brasil.

LA CHOLA POBLETE

Mendoza, Argentina, 1989

Vive em Buenos Aires, Argentina

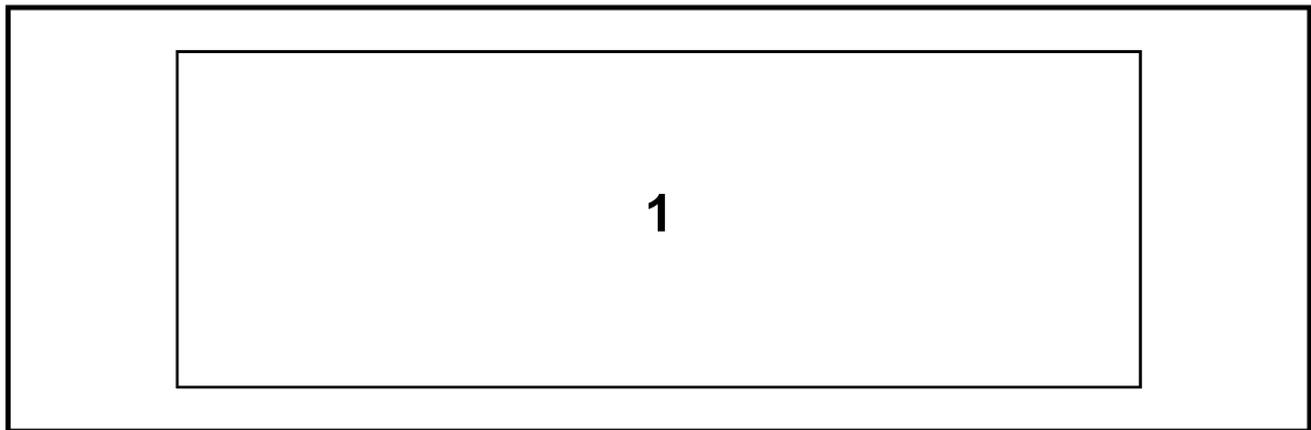
5. *Sem título*, da série *Virgenes Cholas* [Virgens Cholas], 2023

Aquarela sobre papel

Coleção da artista e Barro Arte Contemporâneo

Galeria, Buenos Aires, Argentina

Parede externa



VENTURA PROFANA

Salvador, Brasil, 1993

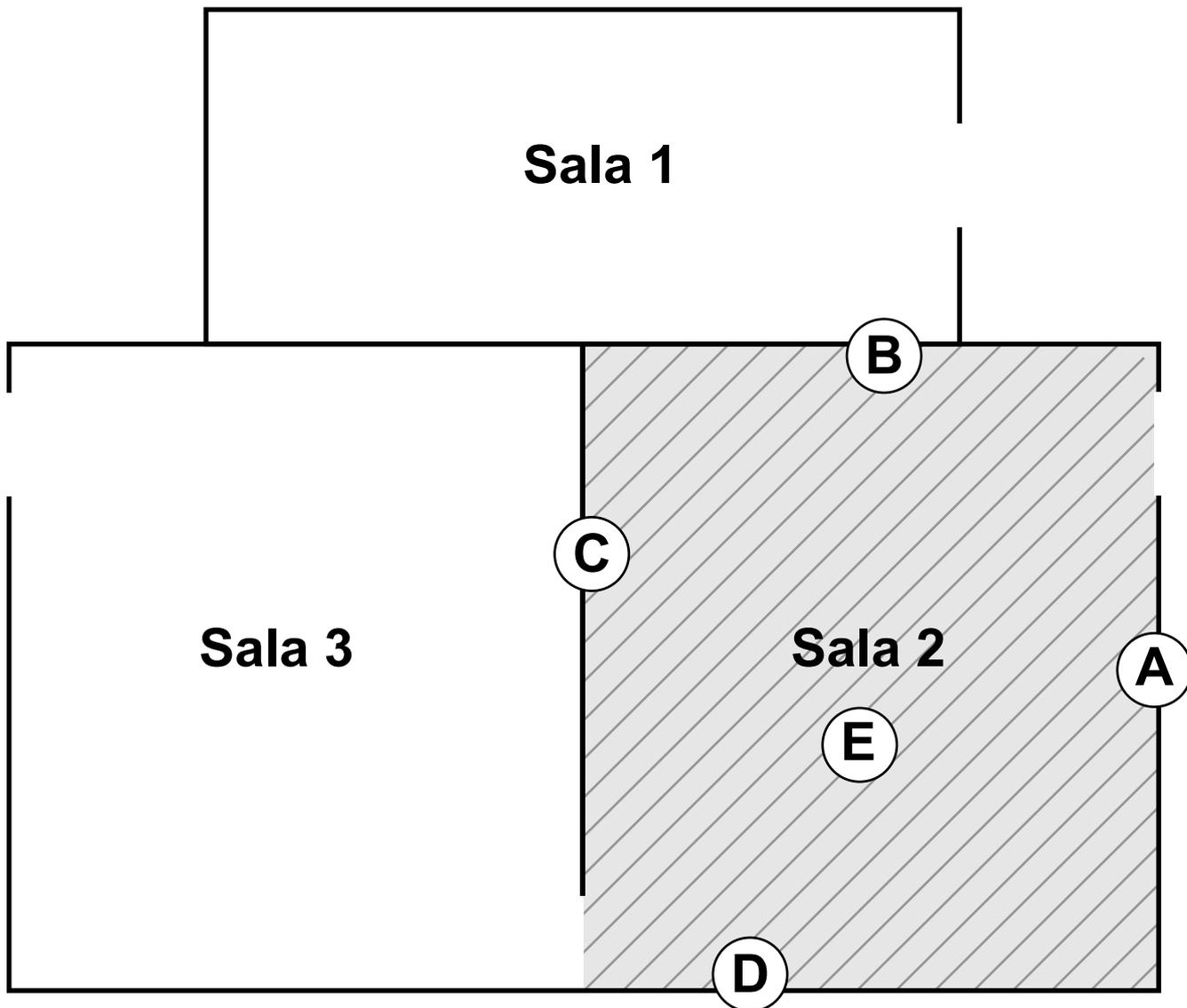
Vive no Rio de Janeiro, Brasil

5. Plantações de traveco para eternidade, 2024

Ferro, madeira, tijolos baianos, argamassa, cimento, vergalhão de aço, tinta spray preta
Coleção da artista, Salvador

A artista, pastora e cantora Ventura Profana discute os efeitos das religiões neopentecostais no Brasil, em especial sobre grupos LGBTQIA+ e pessoas não brancas. Além de uma crítica às violências e repressões que essas comunidades podem sofrer por conta da religião, a artista também profetiza futuros mais esperançosos para esses grupos tanto em suas músicas quanto em performances, objetos, fotografias e vídeos. Para a exposição *Histórias LGBTQIA+*, o MASP convidou-a para a criação da estrutura arquitetônica do núcleo “Sagrado e profano”, construído com blocos de tijolo baiano aparentes, em referência às comunidades desfavorecidas entre as quais as religiões neopentecostais mais se multiplicam no contexto brasileiro. Além de um marcador social explícito, na produção de Ventura essa estrutura também funciona como uma crítica às paredes brancas geralmente encontradas em museus como supostas metáforas de neutralidade.

Sala 2



ABSTRAÇÕES

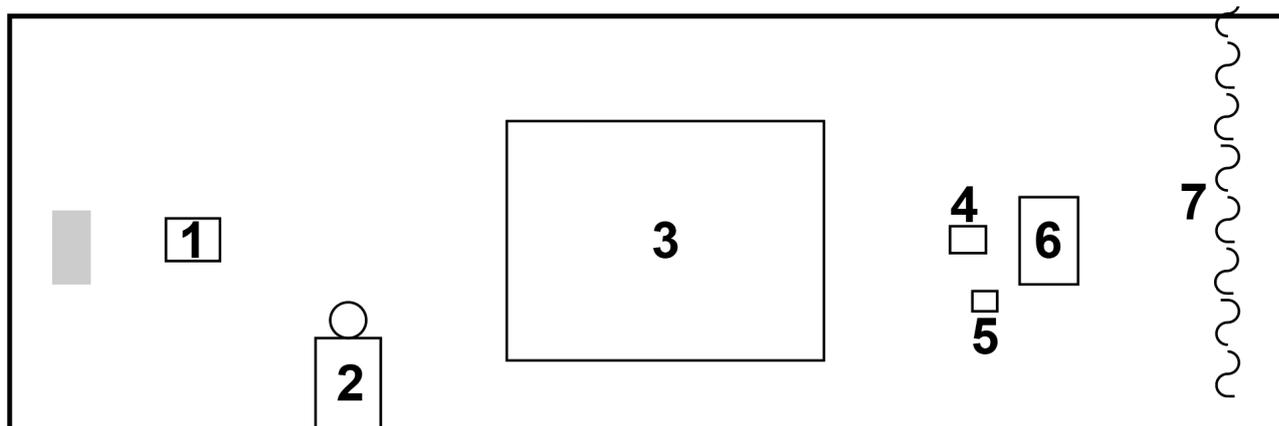
Frequentemente, exposições de arte LGBTQIA+ se limitam a obras que representam sujeitos da nossa comunidade de maneira clara e legível.

Todavia, muitos artistas queer e trans recusam esse tipo de representação direta. Este núcleo celebra artistas que usam a abstração para incluir formas queer de maneira sorrateira no espaço do museu, seja de maneira sensual, exuberantemente excessiva ou silenciosamente simplificada. Algumas dessas abstrações são apelos contra a representação e recusam a demanda por visibilidade ao insistir no direito de permanecerem escondidas e opacas, encontrando a liberdade nas sombras.

A primeira artista europeia a voltar-se de maneira decisiva à abstração foi a mística e pintora sueca Hilma af Klint, que colaborou com suas amantes.

Sua obra inovadora é canalizada e atualizada pelo coletivo feminista contemporâneo Hilma's Ghost [O fantasma de Hilma], composto por Dannielle Tegeder e Sharmistha Ray, cuja pintura de figuras totêmicas duais sugere conjurações divinas. Os trabalhos abstratos das companheiras de vida Etel Adnan e Simone Fattal foram posicionados próximos um do outro, indicando seu amor. Muitos artistas apresentados neste núcleo trabalham materialmente contra estereótipos de gênero – homens como Gabriel Pessoto e Nicholas Hlobo usam tecidos, ao passo que mulheres como Beverly Buchanan e Nicki Green trabalham com concreto, pedra e tijolo. No limiar entre galerias, uma cortina verde brilhante feita por Felix Gonzales-Torres com banais miçangas de plástico acena para você.

Parede A



ETEL ADNAN

Beirute, Líbano, 1925–2021, Paris, França

1. *Untitled (161)* [Sem título (161)], 2012

Óleo sobre tela

Coleção Georgiana Rothier e Bernardo Faria,
São Paulo

SIMONE FATTAL

Damasco, Síria, 1942

Vive em Paris, França

2. Torso Found in Today's Downtown

Beirut [Torso encontrado no atual centro de Beirute], 1998

Alabastro, rodapé de madeira

Cortesia de artista e Balice Hertling,

Paris, França

HILMA'S GHOST (DANNIELLE TEGEDER AND SHARMISTHA RAY)

Nova York, Estados Unidos, 2020

Vivem em Nova York

3. Vai, vá em frente! Vá atrás do que você quer. Você sabe que está bem na sua frente, então estenda a mão e agarre. Perder uma oportunidade por não aproveitá-la é pior do que tentar e fracassar. Talvez o sucesso esteja no fracasso? Viva sem arrependimentos porque, pelo menos, você tentou, 2021

Acrílica, tinta e flashe sobre tela

Cortesia de artistas e Secrist | Beach Gallery,
Chicago, Estados Unidos

BEVERLY BUCHANAN

Fuquay-Varina, Estados Unidos, 1940–2015, Ann Arbor, Estados Unidos

4. *Sem título (fotografia)*, circa 1978-80

Fotografia em papel brilhante

Cortesia de Andrew Edlin Gallery, Nova York, e Beverly Buchanan Estate, Estados Unidos

5. *Sem título*, 1983

Terracota

Cortesia de Andrew Edlin Gallery, Nova York, e Beverly Buchanan Estate, Estados Unidos

6. *Untitled Double Portrait with Frustula*
[Retrato duplo sem título com Frustula],
circa 1980-2001

Impressão jato de tinta sobre papel
Beverly Buchanan Estate e Archives of
American Art, Smithsonian Institution,
Estados Unidos

REBECA CARAPIÁ

Salvador, Brasil, 1988

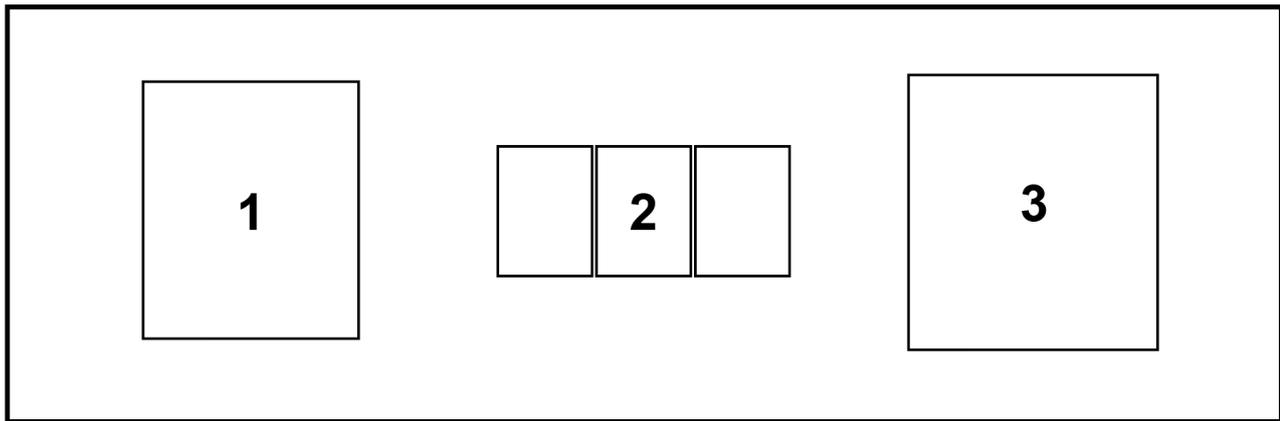
Vive em Salvador

7. *Maré Cheia 3*, 2023

Ferro retorcido

Coleção da artista, Salvador

Parede B



LIZ COLLINS

Nova York, Estados Unidos, 1968

Vive em Nova York

1. *Rapture [Êxtase]*, 2021

Seda, linho e poliéster

Cortesia da artista e Candice Madey, Nova York, Estados Unidos

SHALOM KUFAKWATENZI

Harare, Zimbabue, 1995

Vive em Harare

2. *Under The Sea [No fundo do mar]*, 2023

Tecido de juta, lã, barbante de tabaco, linha de pesca

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Juliana Siqueira de Sá e Manuelle Ferraz no contexto da Biennale di Venezia, 2024, MASP.11540

TUESDAY SMILLIE

Boston, Estados Unidos, 1981

Vive no Brooklyn, Nova York, Estados Unidos

3. *Encontro/Join*, 2019

Óleo, spray, lanténjoulas e alfinetes sobre tecido

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Rose Setubal e

Alfredo Setubal, no contexto da exposição

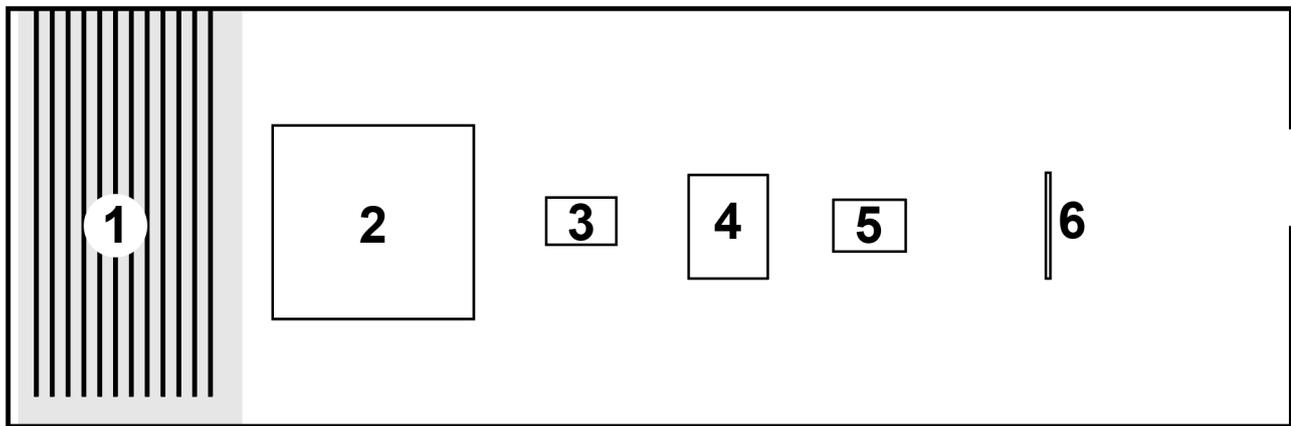
Histórias das mulheres, histórias feministas,

2019 MASP.10884

Em sua produção, Tuesday Smillie parte de referências dos ativismos transfeministas, queer e LGBTQIA+, seja por meio de imagens de protestos e ações coletivas desses grupos ou por meio da palavra, inspirada na literatura que desafia os papéis de gênero. *Encontro/Join* parte

da leitura do livro *O local da cultura* (1998), do teórico indiano-britânico Homi K. Bhabha, no qual é citado um trecho de *Amada* (1987), romance da escritora afro-americana Toni Morrison (1931-2019), para afirmar um desejo profundo de solidariedade social. A frase “Quero o encontro” foi fixada com alfinetes e pode ser modificada e traduzida de acordo com o idioma do local que irá receber a obra, estabelecendo dessa forma vínculos e afetos para além das fronteiras nacionais e linguísticas.

Parede C



FELIX GONZALEZ-TORRES

Guáimaro, Cuba, 1957–1996, Miami,
Estados Unidos

1. “*Sem título*” (Começo), 1992

Cortina de contas de plástico

Coleção particular, Nova York, Estados Unidos,
cortesia Andrea Rosen Gallery, Nova York

EVELYN TAOCHENG WANG

Chengdu, China, 1981

Vive em Roterdã, Holanda

***2. Makeup Remover Cotton Pads and Imitation of Agnes Martin* [Discos de algodão removedores de maquiagem e imitação de Agnes Martin], 2023**

Tinta de caneta, acrílica, gesso, lápis de cor sobre tela de linho

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Diretoria Estatutária,

Heitor Martins, Jackson Schneider, Juliana

Siqueira de Sá, Alberto Fernandes, Alexandre

Bertoldi, Andréa Cury Waslander, Fabio

Magalhães, Geraldo Carbone, Jean Martin

Sigrist Jr, Tania Haddad Nobre no contexto da

Biennale di Venezia, 2024, MASP. 11548

GABRIEL PESSOTO

Jundiaí, São Paulo, Brasil, 1993

Vive em São Paulo, Brasil

4. *sem sinal*, 2024

Tapeçaria de lã natural sobre talagarça em
moldura de aço carbono

Coleção particular, São Paulo

HÉLIO OITICICA

Rio de Janeiro, Brasil, 1937–1980

3. *Metaesquema*, 1958

Guache sobre cartão

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro,
doação Fininvest

ZILIA SÁNCHEZ

Havana, Cuba, 1926. Vive em San Juan, Porto Rico

**5. *Erotic Topology* [Topologia erótica], da
série *Blue Blue* [Azul Azul], 2016**

Acrílica sobre tela esticada

Coleção Cleusa Garfinkel, Miami,

Estados Unidos

WILLYS DE CASTRO

Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, 1926 – 1988,
São Paulo, Brasil

6. *Objeto ativo*, 1961

Óleo sobre tela sobre aglomerado

Museu de Arte de São Paulo Assis

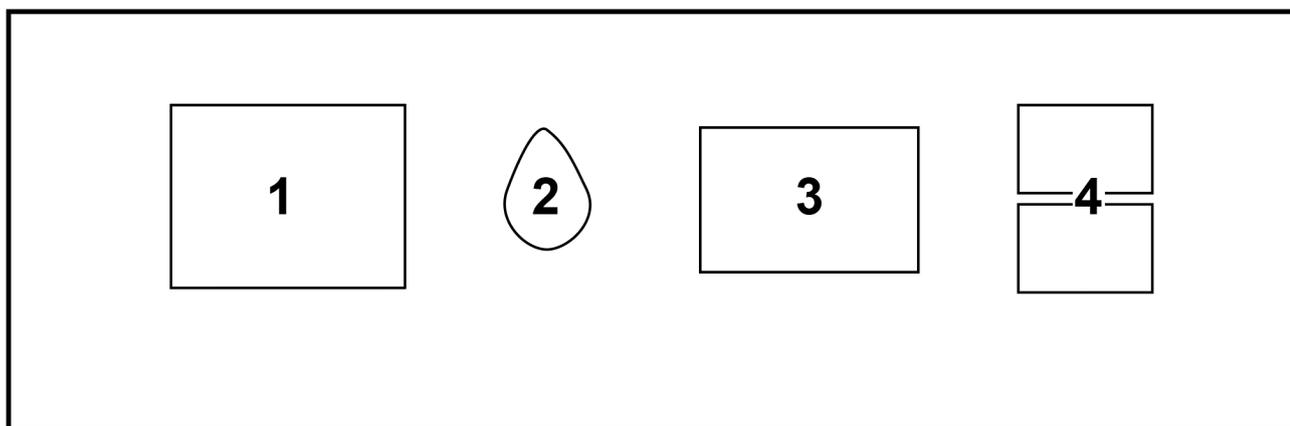
Chateaubriand, doação Hércules Barsotti,

1990, MASP.01222

Willys de Castro formou-se em química industrial, mas nunca exerceu a profissão. Entre 1959 e 1962, criou “objetos ativos”, um conjunto de trabalhos que ampliam a discussão sobre os limites entre as categorias artísticas. O *Objeto ativo* é constituído por um sarrafo de madeira pregado à parede, recoberto por uma tela pintada, em geral com pequenos quadrados ou

retângulos de cores chapadas. Diferentemente de uma pintura tradicional, que convida o observador a mirá-la de frente, o *Objeto ativo* exige que o espectador caminhe ao redor do trabalho – daí o nome da série – para que apreenda sua totalidade. A obra nunca se revela de modo integral no mesmo instante; não existe um ângulo privilegiado a partir do qual possa ser admirada ou fotografada. Apenas a experiência efetivamente vivida por um corpo ativo alcança a satisfação de desvelar – mentalmente – o jogo.

Parede D



LESLIE MARTINEZ

Texas, Estados Unidos, 1985

Vive no Texas

1. *Vibrating in Strobes* [Vibrando em estroboscópios], 2023

Panos de pintura, roupas de estúdio, lascas de tinta seca, carvão, serragem grossa, pedra-pomes e acrílica sobre tela

Coleção Abigail Ross Goodman e David Norr, Nova York, Estados Unidos

IAH'RA

São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil, 1993

Vive no Rio de Janeiro

2. *infinitus III*, 2022

Cimento, água, areia e aquarela silk em tecido

Coleção da artista, Rio de Janeiro

NICHOLAS HLOBO

Cidade do Cabo, África do Sul, 1975

Vive em Joanesburgo, África do Sul

3. *Sondela maCilikishe* [Aproxime-se dos lagartos], 2021

Acrílica, couro e fitas sobre linho e tela de algodão

Cortesia do artista e Lehmann Maupin, Nova York, Estados Unidos, Seul, Coreia do Sul, e Londres, Inglaterra

TADÁSKÍA

Rio de Janeiro, Brasil, 1993

Vive no Rio de Janeiro

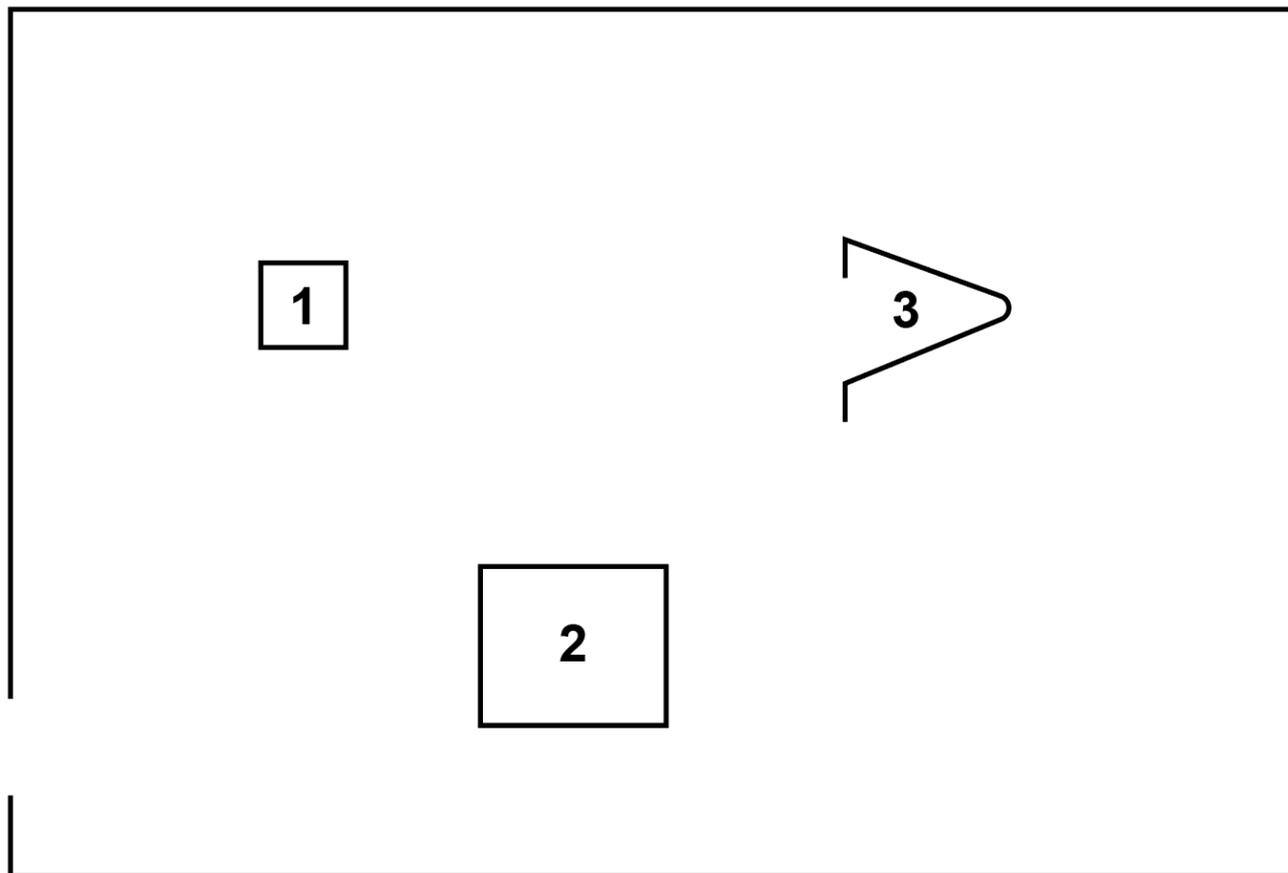
4. *kissed black trans ladies kissing*

[mulheres beijadas trans negras se beijando], 2024

Grafite, lápis carvão, pastel oleoso e caneta hidrográfica sobre papel

Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo e Rio de Janeiro

Espaço E



NICKI S. GREEN

Boston, Estados Unidos, 1986

Vive em São Francisco, Estados Unidos

1. *Swaddle* [Enfaixar], 2017

Tijolos do forno de Peter Voulku, feltro, tiras de nylon

Cortesia da artista e CULT Aimee Friberg, São Francisco, Califórnia, Estados Unidos

LYZ PARAYZO

Rio de Janeiro, Brasil, 1994

Vive em Paris, França

2. *Bixinha*, 2018

Alumínio

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação da artista, no contexto da exposição *Histórias das mulheres, histórias feministas*, 2019, MASP.10983

Em *Bixinha*, Lyz Parayzo materializa reflexões sobre a história da arte brasileira, sobre as violências e sobre as táticas de resistência vivenciadas por corpos transexuais, não normativos e identidades dissidentes. Esta obra extrapola, por vezes, sua condição de escultura, sendo usada também como “arma” de defesa

em diversas performances da artista. Composta de círculos de alumínio cortados, dobrados e encaixados, a obra é também uma referência direta aos *Bichos*, de Lygia Clark (1920-1988) – esculturas interativas e modulares que podem ser manipuladas com a finalidade de alterar sua forma inicial. Em *Bixinha*, Parayzo recusa a suposta passividade que os *Bichos* manipuláveis de Clark poderiam sugerir. A *Bixinha* busca afastar, não atrair. O suposto uso carinhoso do termo bicho no diminutivo e no feminino é ainda uma forma pejorativa de apelidar homens “afeminados”. Ao empregá-lo como título de sua obra, a artista fricciona estereótipos atribuídos a essa feminilidade, subvertendo assim uma suposta docilidade desses corpos.

ENGEL LEONARDO

Baní, República Dominicana, 1977

Vive em Santo Domingo, República Dominicana

3. *Plátano Power Bottom*, 2016

Esmalte aplicado com compressor sobre

Garapeira lixada e banana da terra verde

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação do artista no contexto

da exposição *Histórias LGBTQIA+* , 2024,

MASP.11558

Engel Leonardo é um artista da República

Dominicana que parte dos elementos

arquitetônicos, do vestuário ou da economia da

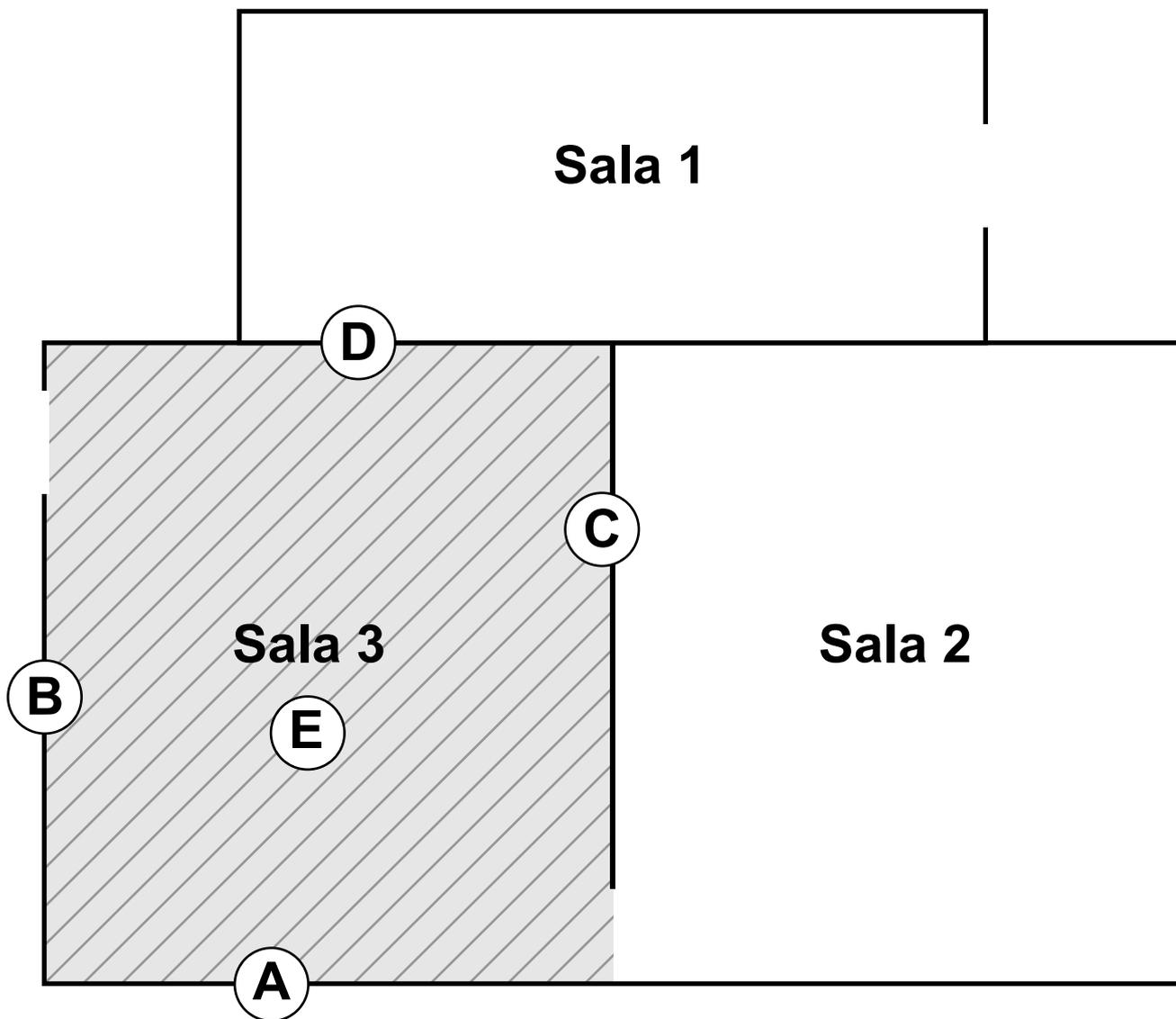
ilha para produzir obras no limite entre abstração

e figuração. *Plátano Power Bottom* é uma

escultura geométrica na qual barras de madeira

que formam triângulos abertos são posicionadas diante de um cacho de bananas verdes, evocando a imagem de um homem deitado com as pernas abertas, sendo a fruta uma alusão a seu sexo. A relação entre o título – que remete a homossexuais passivos que, no entanto, são dominadores –, e a fruta – que é fundamental na economia da ilha – evoca discussões sobre homoafetividade, sexualidade e desejo.

Sala 2



ECOSSEXUALIDADES E FANTASIAS TRANSCENDENTAIS

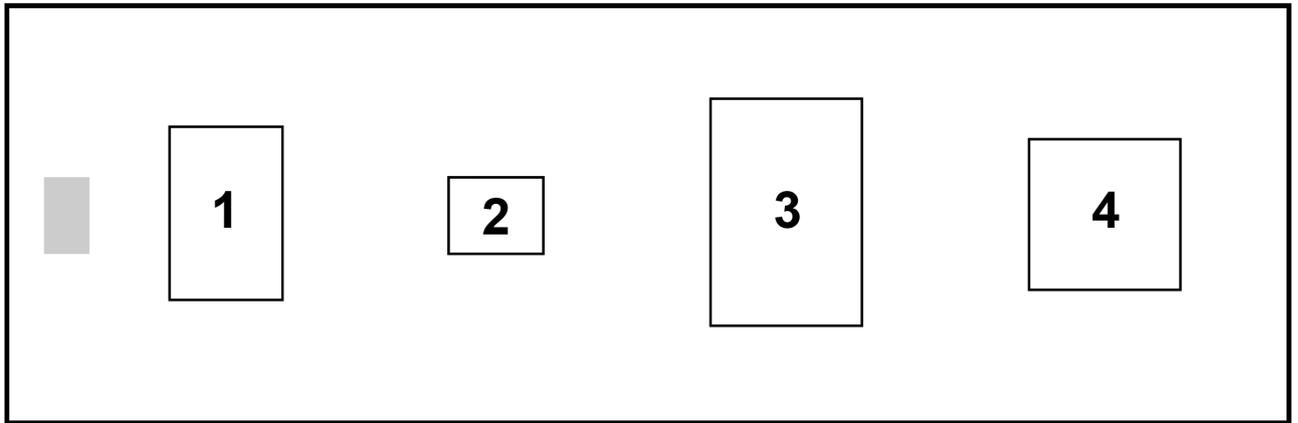
Trabalhando na década de 1930, a artista lésbica Marie Laurencin pintou um mundo bucólico de fantasia habitado inteiramente por mulheres.

Com formas indomáveis e selváticas, este núcleo reúne versões surreais, cósmicas, selvagens, extravagantes, *kitsch* e indisciplinadas de novos ecossistemas e universos queer. Indo além das limitações do binarismo masculino/feminino, muitos artistas contemporâneos LGBTQIA+ vislumbram uma vida livre de toda e qualquer restrição – um mundo pós-humano que abole fronteiras e propõe uma inter-relacionalidade entre corpos, fluidos, plantas, animais e solos. Em obras como as pinturas de Ad Minoliti, Maryam Hoseini e Nasim Hantehzadeh, figuras orgânicas sugerem criaturas e beiram a

abstração enquanto seus corpos desabrocham em pétalas, ou se torcem em trepadeiras, ou ainda explodem em formas celestiais.

Rafa Bqueer e A TRANSÄLIEN se transformam para evocar reinos utópicos e identidades misteriosas. Dentro do contexto da escalada da crise climática e da violenta pilhagem de recursos do planeta, essas obras tentam, com seriedade, imaginar alternativas. Já UÝRA e Seba Calfuqueo se valem de conexões cosmológicas indígenas entre a água e identidades trans. Ao entrelaçar flores, animais, pedras, florestas, líquidos e carne, essas artistas propõem modelos para cuidar da terra e também umas das outras.

Parede A



D'ANGELO LOVELL WILLIAMS

Jackson, Estados Unidos, 1992

Vive em Nova York, Estados Unidos

1. *Fire-Moon Inertia* [Inércia fogo-lua], 2021

Impressão pigmentada

Leslie-Lohman Museum of Art, compra O'Neal Fund, Nova York, Estados Unidos

MARIE LAURENCIN

Paris, França, 1883–1956

2. Guitar Player and Two Female Figures

[Guitarrista e duas figuras femininas], 1934

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Banco Hipotecário Lar

Brasileiro S.A., 1947, MASP.00155

DANIEL CORREA MEJÍA

Medelin, Colômbia, 1986

Vive em Berlim, Alemanha

3. *Del otro lado* [Do outro lado], 2024

Óleo sobre estopa

Cortesia do artista e mor charpentier, Paris,
França; e Bogotá, Colômbia

AD MINOLITI

Buenos Aires, Argentina, 1980

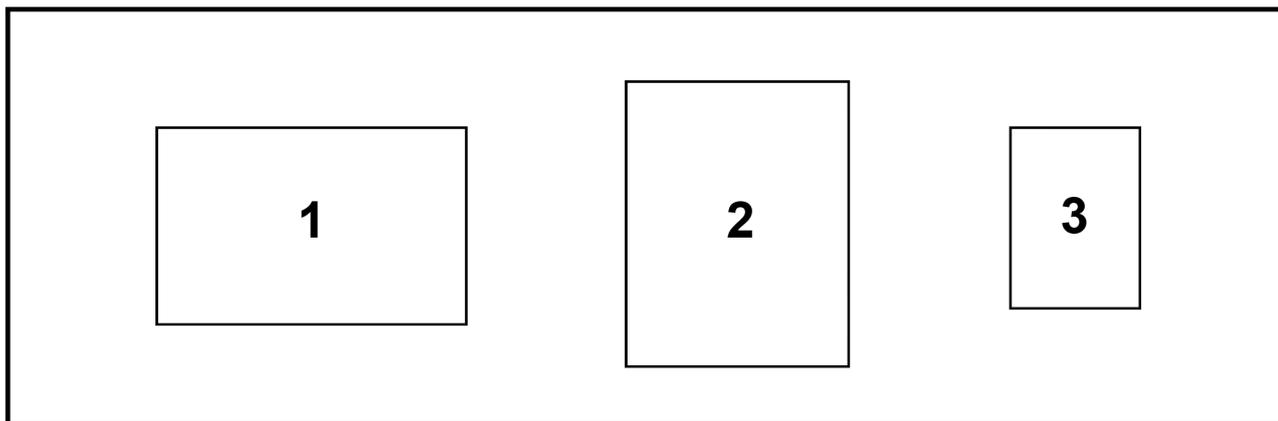
Vive em Buenos Aires

4. *Panther* [Pantera], 2022

Acrílica e impressão sobre tela

Cortesia de artista Crèvecoeur, Paris, França

Parede B



SAMANTHA NYE

Flórida, Estados Unidos, 1980

Vive em Filadélfia, Estados Unidos

1. *Sun Tunnels, Fun Tunnels* [Túneis de sol, túneis divertidos], 2023

Óleo sobre tela

Cortesia da artista e Candice Madey, Nova York, United States

RANDOLPHO LAMONIER

Contagem, Minas Gerais, Brasil, 1988

Vive entre Paris, França e Minas Gerais, Brasil

2. Encontro do boto com São Tomás de Aquino às margens de um rio no vale dos homossexuais, 2022

Corda, tela plástica, pintura, crochê, costura e bordado sobre tecido

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, Doação do artista e Galeria

Verve no contexto da exposição *Histórias brasileiras*, 2022-24, MASP.11539

MARYAM HOSEINI

Teerã, Irã, 1988

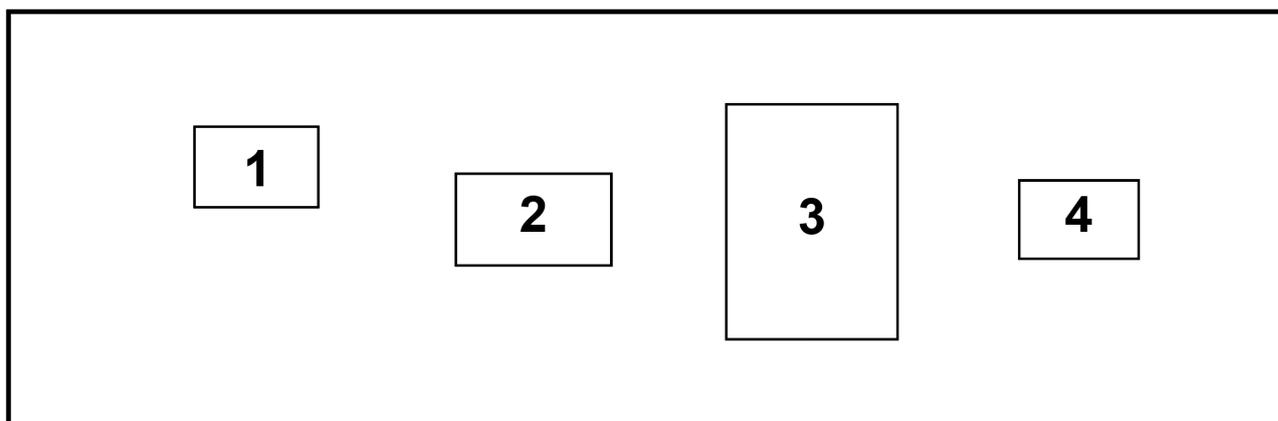
Vive em Nova York, Estados Unidos

3. *Flesh and Sun (transference)* [Carne e sol (transferência)], 2024

Óleo, tinta e lápis em painel de madeira

Cortesia da artista, Nova York, Estados Unidos

Parede C



UÝRA

Santarém, Pará, Brasil, 1991

Vive em Manaus, Brasil

1. *Lama*, da série *Elementar*, 2017

Impressão jato de tinta sobre papel algodão

Cortesia Aura Galeria, São Paulo

SEBA CALFUQUEO

Santiago, Chile, 1991

Vive em Santiago

2. *Kowkulen [Ser líquido]*, 2020

Vídeo, 3'

Cortesia Galeria Marilia Razuk, São Paulo

RAFA BQUEER

Belém, Brasil 1992

Vive em Rio de Janeiro, Brasil

3. *Uhura Bqueer - Monstração Realness*, 2023

Fotoperformance, impressão jato de tinta
sobre papel algodão

Cortesia Projeto Vênus, São Paulo

Rafa Bqueer transita entre as artes visuais, o Carnaval e o universo drag, sendo parte de um coletivo paraense chamado Themônias, que discute performances de gêneros, corpos monstruosos e as relações com o meio ambiente. Seu nome drag é Uhura Bqueer, em uma associação de uma dicção afro-indígena com termos em inglês (*be queer*) [seja queer], que dizem respeito a uma circulação globalizada da cultura LGBTQIA+. Na fotografia *Uhura Bqueer – Monstração realness*, a artista aparece em meio a uma paisagem praiana, em frente a uma luz crepuscular e usando uma roupa cujas formas evocam seres híbridos, entre o animal e o alienígena. A ideia de “monstração” é um neologismo a partir de “montação”, expressão usada para a prática de se vestir de drag, e “monstro”. “Realness” [realidade] é a categoria pela qual as drags são avaliadas em programas de TV e competições.

A TRANSÄLIEN

Camaragibe, Pernambuco, Brasil, 1996

Vive em São Paulo

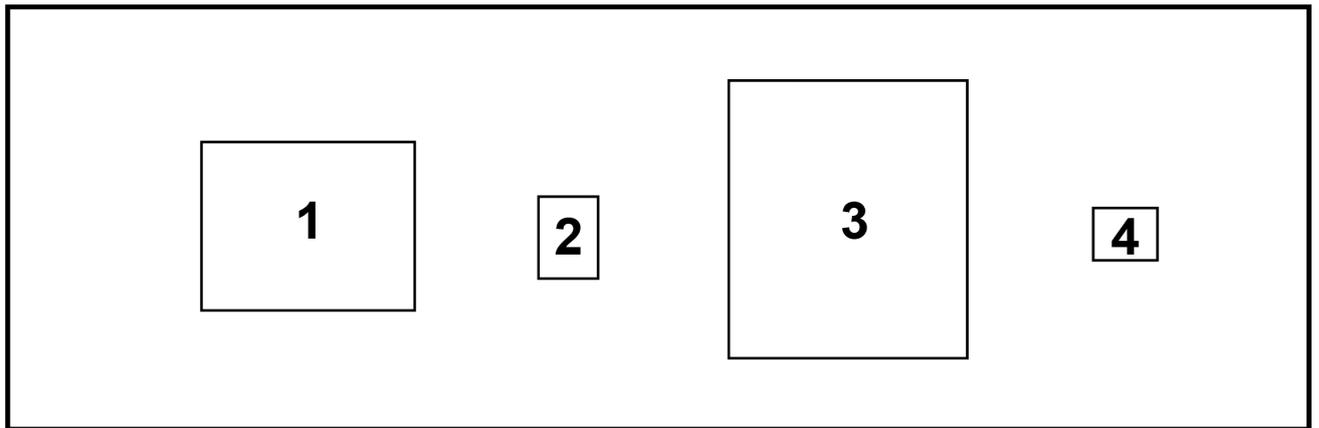
4. *DivinA*, 2019

Fotoperformance, impressão sobre
papel algodão

Coleção da artista, São Paulo

Fotografia: Desna

Parede D



NICOLAS MOUFARREGE

Alexandria, Egito, 1947–1985, Nova York,
Estados Unidos

1. *The Fifth Day* [O quinto dia], 1980

Linha e pigmento sobre tela de bordado
Coleção George H. Waterman III, Norwalk,
Connecticut, Estados Unidos

ISMAEL NERY

Belém, Brasil, 1900–1934, Rio de Janeiro, Brasil

2. *Desejo de amor*, 1932

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, Comodato MASP Banco

Central, C.01267

NASIM HANTEHZADEH

Oklahoma, Estados Unidos, 1988

Vive em Los Angeles, Estados Unidos

3. *Flying Over the Rainbow (After Silke)*

**[Voando sobre o arco-íris (depois de
Silke)], 2023**

Óleo e bastão de óleo sobre linho

Cortesia da artista e Pippy Houldsworth

Gallery, Londres, Inglaterra

CANDICE LIN

Concord, Estados Unidos, 1979

Vive em Los Angeles, Estados Unidos

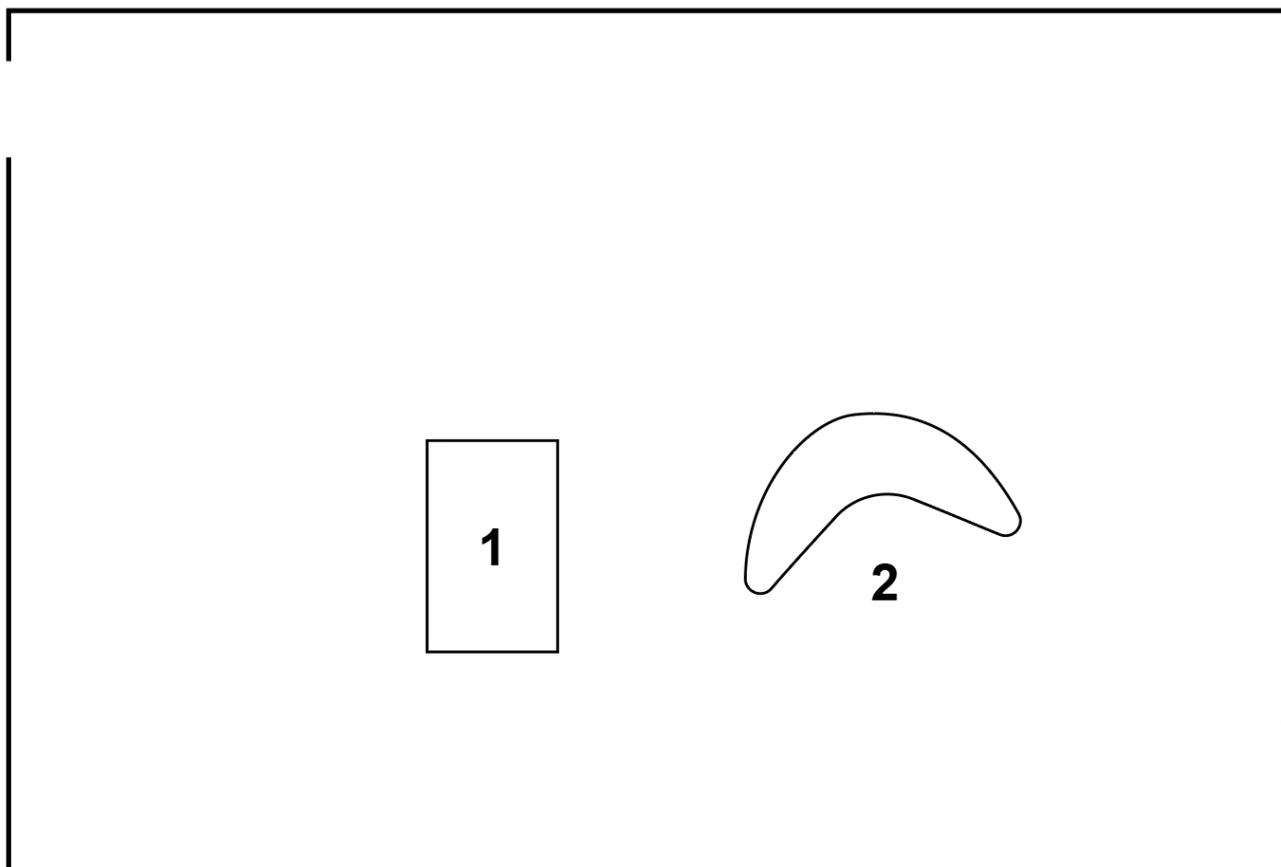
4. *Sycorax's Collections (Herbarium)*

[Coleções da Sycorax (Herbário)], 2011

Gravura exclusiva, aquarela, tinta e colagem
de revista, ervas secas

Cortesia da artista e François Ghebaly, Los
Angeles, Estados Unidos

Espaço E



DIAMBE DA SILVA

Rio de Janeiro, Brasil, 1993

Vive entre Rio de Janeiro e São Paulo

1. *Dangbe*, 2024

Bronze patinado

1. *Nossos passos vêm de longe*, 2024

Bronze e cabelo humano

Cortesia Galeria Simões de Assis, São Paulo

CARLOS HERRERA

Rosário, Argentina, 1976

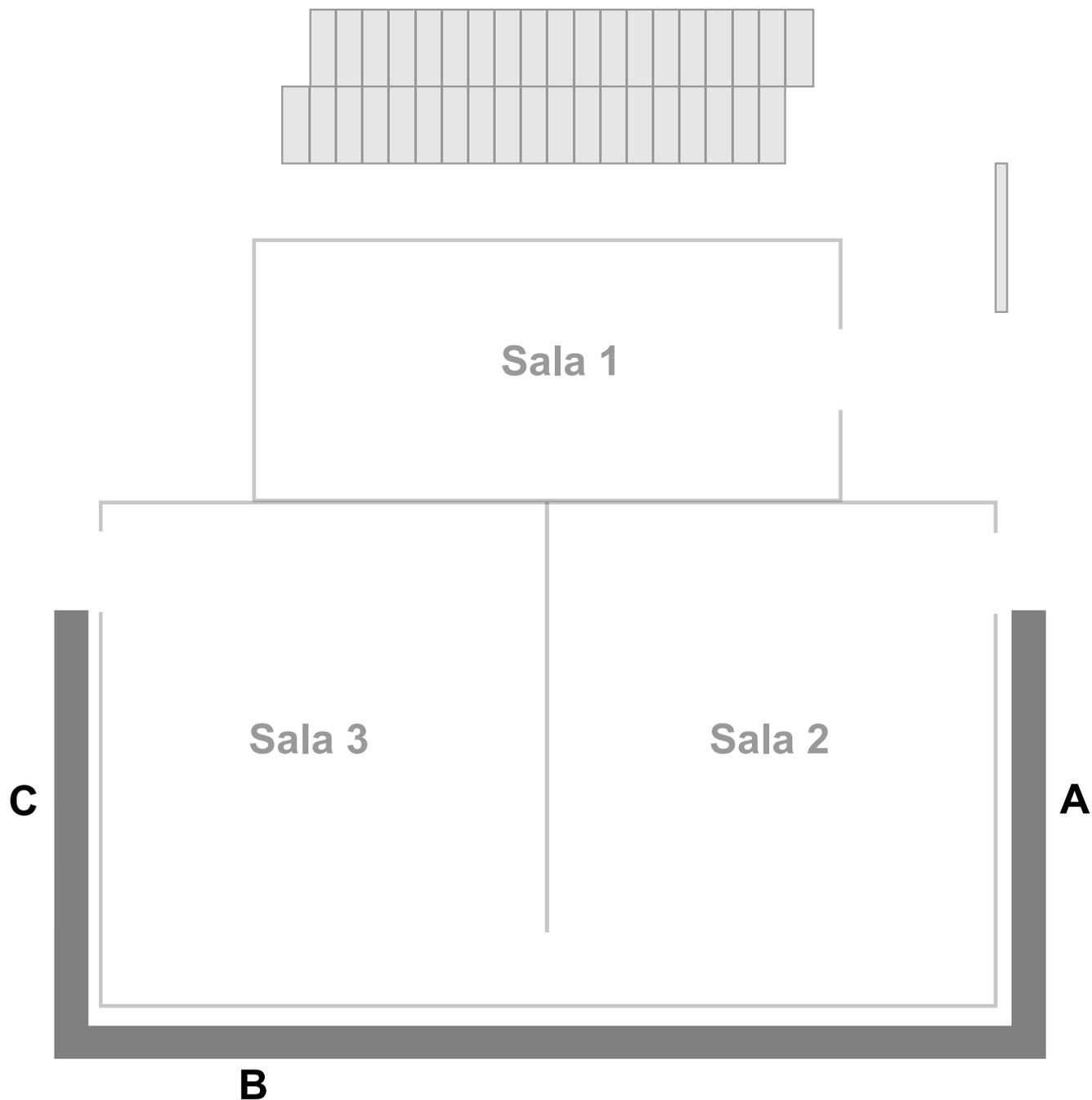
Vive em Buenos Aires, Argentina

2. *Sem título*, da série *AVE MISERIA*, 2016

Palha de sisal, restos de roupas, penas,
crisântemos, calçados, ossos e conchas

Cortesia do artista e Ruth Benzacar Galeria
de Arte, Buenos Aires, Argentina

Parede externa



ASSUME VIVID ASTRO FOCUS (AVAF)

Nova York, Estados Unidos, 2001

Vive entre São Paulo, Brasil e Nova York,
Estados Unidos

Garden 1 [Jardim 1], 2002-2024

Papel de parede

Cortesia dos artistas e Galeria Triângulo, São
Paulo

avaf é um coletivo móvel que tem na cor uma de suas principais formas de expressão em diferentes linguagens. O papel de parede Garden 1 reúne uma série de referências, como alusões à botânica – em um forte apelo erótico das formas fálicas e côncavas de flores –, e outras relacionadas à cultura pop, na presença

de ícones importantes para a comunidade LGBTQIA+, como a figura de Grace Jones, cantora jamaicana que ficou conhecida a partir dos anos 1970 particularmente por sua androginia. O trabalho foi especialmente adaptado para o MASP e está presente nos núcleos “Abstrações” e “Ecossexualidades e fantasias transcendentais”, no segundo subsolo, além da parede de abertura da exposição no primeiro andar do museu, de certo modo introduzindo os temas discutidos ao longo da mostra.

A. A very anxious feeling [Um sentimento muito ansioso], 2007 - 2013

Neon

Cortesia dos artistas e Galeria Triângulo,
São Paulo

B. *Crying Triangles* [Triângulos que choram], 2005

Neon

Cortesia dos artistas e Galeria Triângulo,
São Paulo

C. *Eye neon* [Olho neon], 2005

Neon

Cortesia dos artistas e Galeria Triângulo,
São Paulo